

# LA GONDOLA

Agora imagine-se de volta ao nível da água. Você não está mais olhando Veneza a partir da altura do Campanile, mas do seu ponto de vista mais natural: o de um barco deslizando lentamente por um canal estreito, com as paredes dos palácios tão próximas que você quase poderia tocá-las com as duas mãos. Este barco é a gôndola, mas não a veja como um objeto turístico. Pense nela como uma invenção milenar, refinada como um instrumento musical.

A gôndola nasceu na Idade Média como meio de transporte cotidiano. Veneza não tem ruas, apenas canais, e durante séculos a gôndola foi o equivalente a um táxi, uma carruagem, até mesmo uma ambulância. Cada família patriciana possuía pelo menos uma, frequentemente várias, e o número de gôndolas em circulação era muito maior do que hoje. Elas não eram todas pretas; pelo contrário, eram decoradas, coloridas, adornadas com tecidos e incrustações. Somente no século XVII o governo veneziano, cansado da ostentação, impôs por lei a cor preta, transformando um veículo privado em um símbolo coletivo.

Se você a observar atentamente, perceberá imediatamente que ela não é simétrica. A gôndola é mais longa de um lado do que do outro, por alguns centímetros, invisíveis ao olho não treinado, mas fundamentais para o movimento. Como o gondoleiro rema apenas de um lado, essa assimetria permite que o barco siga em linha reta. Não há motor, não há leme: apenas equilíbrio, calibrado com a mesma precisão de um violino.

E, como um violino, a gôndola nasce em um ateliê artesanal. Não em uma fábrica, mas no *squero*, o estaleiro tradicional veneziano. Aqui, a gôndola ainda hoje é construída de forma quase ritual, montando mais de duzentas peças de diferentes tipos de madeira: carvalho, larício, cerejeira, nogueira, olmo. Cada parte tem seu material ideal, escolhido por sua flexibilidade, resistência e reação à umidade. Nenhuma gôndola é jamais idêntica a outra, porque cada uma é adaptada ao peso e ao estilo do gondoleiro que a conduzirá.

Depois, há os símbolos, que estão longe de ser meramente decorativos. O *ferro* da proa — essa lâmina elegante que parece um pente de aço — não está ali por beleza. Seus seis dentes voltados para a frente representam os seis *sestieri* de Veneza, enquanto o dente voltado para trás simboliza a Giudecca. A curva superior reproduz a forma do chapéu do Doge. Mais uma vez, nada é deixado ao acaso.

Até mesmo o assento estofado em veludo, o chamado *felze*, hoje quase desaparecido, protegia antigamente os passageiros do vento e de olhares indiscretos. A gôndola era um lugar de encontros discretos, de diplomacia secreta, de amores clandestinos. Não apenas um meio de transporte, mas um espaço social.

E enquanto você desliza lentamente por um canal, com a água se abrindo silenciosamente sob a proa, percebe que a gôndola não pertence ao passado. É um objeto antigo que se recusou a se modernizar porque já é perfeito. Não precisa de melhorias, apenas de ser compreendido. Em uma cidade suspensa entre a água e a pedra, a gôndola não é um símbolo: é a necessidade transformada em poesia.